

09-04-2021

A ESSENCIALIDADE DA VIDA**Dimitri Taurino Guedes**

[Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi.
Núcleo de Pesquisas em Saúde, Ambiente e Trabalho]

Em abril, especificamente no dia 28, a OIT estabelece a data alusiva à segurança e saúde no trabalho e em memória às vítimas de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho.

No Brasil, a data é reconhecida em Lei, dedicando também esse dia à memória das vítimas de acidentes e doenças do Trabalho. Também neste mês (abril), pouco mais de 1 ano da pandemia da covid-19, contabilizamos mais de 331.000 pessoas mortas no Brasil em decorrência dessa tragédia.

Tragédia já anunciada por cientistas ao longo dos tempos e fruto das escolhas de trajetória traçadas pela humanidade. Quantas histórias abreviadas?

Quantos futuros tolhidos? Quantos filhos sem pais? Quantos pais sem filhos? Famílias destroçadas?

Penso ser impossível responder com exatidão a esses questionamentos e tentar dimensionar o tamanho do estrago feito por essa tragédia.

No entanto, mesmo ciente de minha frustração diante desses questionamentos, não me deixam de ocorrer outras perguntas agora alinhadas ao dia 28: quantas pessoas dentro desse montante não se contaminaram com o vírus da covid-19 durante sua jornada de trabalho? E quantas dessas(es) trabalhadoras(es) morreram por complicações da covid-19 decorrente de uma contaminação no trabalho? Perguntas também de difícil resposta ao considerarmos a complexidade do tema, mas, sobretudo, pelas dificuldades que ainda temos quando tratamos das notificações de adoecimentos e acidentes de trabalho no Brasil.

De toda forma, até onde minha miopia me permite enxergar, não temos esses dados, salvo para algumas poucas categorias e contabilizadas por meio de suas entidades de classe como é o caso da enfermagem, que nos dá conta de que o Brasil é responsável por 1/3 das mortes de profissionais de enfermagem por covid-19 no mundo.

Olhando esse dado, impossível não se perguntar sobre as demais categorias que estão nesse *front*,

principalmente as menos visibilizadas pela mídia e sociedade em geral (maqueiros, limpeza, serviços gerais etc). E ainda nessa toada, também impossível não refletir sobre o contingente de trabalhadoras/es também fundamentais ao funcionamento básico da vida comunitária (saneamento e limpeza urbana; alimentação; energia; segurança).

Opto por não utilizar o termo “essencial”, pois entendo que ele perdeu seu real significado em meio aos erros e descaminhos da classe política e de segmentos da economia e da sociedade ao insistirem em manter funcionando o que não é básico à vida nesse momento. Por não darem amparo digno para que as(os) trabalhadoras(es) fiquem em casa e não se exponham ao vírus. Passado mais de um ano, continuamos na contramão. Não aprendemos nada. Ou quase nada... E assim seguimos abril, deixando um enorme rastro de trabalhadoras(es) sem segurança, sem saúde e sem vida em meio a essa pandemia. Desrespeitamos o significado do dia 28 de abril. Nessa realidade distópica em que estamos imersos, perdemos a noção do que seja fundamental à sociedade civilizada: A ESSENCIALIDADE DA VIDA.

E por conta dessa essencialidade, deixo aqui um singelo *Desenho*, de Cecília Meirelles....

Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa

Tudo é preciso.

De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.

Com apurado rigor.

Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
traçarás perspectivas, projetarás estruturas.

Número, ritmo, distância, dimensão.

Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.

Não te fatigues logo.

Tens trabalho para toda a vida.

E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que
pensávamos. Raramente, um pouco mais.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.